

OS “EXCLUÍDOS DA CULTURA”: Contradições da Divulgação da Ciência em Museus

THE "EXCLUDED FROM CULTURE": Contradictions of the Dissemination of Science in Museums

Andressa BRAZ¹
Moema Rezende de VERGARA²

Resumo: Esta pesquisa investigou a visão institucional dos funcionários terceirizados nas práticas de divulgação científica do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). A partir da categoria de *outsider within*, de Patricia Hill Collins, debatemos como esses trabalhadores são tornados invisíveis nos espaços de trabalho pela natureza de suas funções e pelas relações sociais que produzem exclusões e hierarquia. Ao observar uma prática de divulgação científica não inclusiva, vemos nisto um reforço do processo de invisibilidade encontrado no MAST. Ressaltamos, contudo, que isso não inibe a produção de sentidos e significados próprios sobre o museu por parte desses trabalhadores, revelando diferentes perspectivas sobre a instituição e como ela é enxergada em sua dimensão científica e social.
Palavras-chave: Terceirização, Museus de ciência, Divulgação da Ciência, Inclusão social.

Abstract: This study explores the institutional perspective on outsourced employees involved in the scientific dissemination practices at the Museum of Astronomy and Related Sciences (MAST). Using Patricia Hill Collins's concept of the "outsider within," the research examines how these workers are rendered invisible in the workplace due to the nature of their roles and the social relations that perpetuate exclusion and hierarchy. Observations of non-inclusive scientific dissemination practices highlight a reinforcement of this invisibility within MAST. However, the study also reveals that these dynamics do not inhibit the workers from constructing their own meanings and perceptions of the museum. These insights unveil diverse perspectives on the institution, particularly regarding its scientific and social dimensions.

Keywords: Outsourcing, Science museums, Scientific dissemination, Social inclusion.

Este artigo é fruto do projeto de pesquisa “Museus de ciência e público interno no século XXI”, iniciado em 2022 no Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). O MAST é uma unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações do Governo Federal do Brasil, localizada na cidade do Rio de Janeiro e desempenha um importante papel, sobretudo nos âmbitos da História da Ciência e da Tecnologia, da Museologia, da Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia, e da Divulgação e Educação em Ciências.

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5213-8093>.

² Pesquisadora titular no Museu de Astronomia e Ciências Afins e doutora em História pela Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1837-082X>.

A ideia para o projeto surgiu do contato com o trabalho da museóloga Aparecida Rangel da Fundação Casa Rui Barbosa, realizado em 2014, sobre os terceirizados que lá trabalham¹. A partir disso, resolvemos trazer essa experiência para o MAST, refletindo sobre as políticas de divulgação da ciência realizadas no museu, no intuito de verificar a sua relação com seus trabalhadores dos setores terceirizados, bem como suas percepções sobre a ciência e a instituição em que trabalham. Com isso, estabelecemos o desafio de transformar os funcionários terceirizados do MAST em parte do nosso público-alvo, no esforço de ampliação da cultura científica e divulgação da ciência para a sociedade brasileira.

Introduzir essa reflexão no MAST implicava pensar não apenas as relações de trabalho dentro da instituição, mas também as relações entre públicos e museus e os desafios da inclusão social em museus de ciência. Por estarem ali diariamente e por longas horas, mais presentes que os próprios visitantes que permanecem por poucas horas e em dias específicos, é de se imaginar que o acesso ao conhecimento produzido no ambiente do museu seja compartilhado com e entre esses trabalhadores. Mas isso de fato ocorre? E, se ocorre, que tipo de acesso é esse? O lugar desses trabalhadores não é de público-alvo das ações educativas e científicas, tampouco de pesquisadores que produzem essas ações, e isto impacta diretamente como e o que apreendem das atividades do museu.

Para isso, optamos pela utilização da metodologia da História Oral a fim de ampliar e desenvolver o método de entrevistas aplicado na Casa Rui Barbosa, a partir da expertise da História. A produção, coleta e análise de fontes envolvidas na aplicação da História Oral permite a construção de novas perspectivas sobre determinado evento ou tema a partir da escuta de sujeitos excluídos das tradicionais fontes históricas, bem como a percepção de agência histórica por parte dos indivíduos entrevistados. Ademais, exige do historiador um lugar de escuta e o comprometimento com um processo dialógico de produção da pesquisa que reconhece o entrevistado não como objeto ou fonte, mas outro sujeito possuidor de conhecimentos, que poderão ser compartilhados entre historiador e entrevistado em uma relação de reciprocidade.

Nesta perspectiva, foram convidados para participação na pesquisa os funcionários dos setores terceirizados de segurança, serviços gerais, manutenção e apoio administrativo.

Para realizar as entrevistas, adotamos a metodologia desenvolvida pelo Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo². Nosso objetivo foi humanizar os entrevistados e não reduzi-los à posição de objeto e/ou fonte da pesquisa. Ao todo, foram entrevistados 16 das 50 pessoas que compunham o quadro de funcionários à época da pesquisa, pertencentes aos setores de segurança, serviços gerais, manutenção e apoio administrativo (Quadro 1)³. A coleta e gravação das entrevistas ocorreram entre julho de 2022 e março de 2023, após a realização de conversas prévias com os convidados para esclarecimento dos objetivos da pesquisa.

Foi elaborado um roteiro semiestruturado para a orientação e organização das entrevistas. Na prática, muitas questões surgiram no momento da entrevista a partir do que foi relatado pelos entrevistados, proporcionando material ainda mais rico para análise. O roteiro consistiu em questões disparadoras partindo de quatro eixos: perfil do entrevistado/a, acesso a instituições científicas, percepções sobre a ciência e cientistas e conhecimentos sobre o MAST. As entrevistas foram realizadas em áudio e vídeo, podendo ser acessadas parcialmente no *hotsite* do projeto disponível na página do MAST.⁴

Quadro 1 - Perfil dos funcionários entrevistados no MAST

Entrevistado/a	Setor	Cor/raça	Gênero	Região de residência	Tempo no MAST
Entrevistado 1	Segurança	Negro	Masculino	Baixada Fluminense	1 anos e 6 meses
Entrevistado 2	Segurança	Branco	Masculino	Zona Oeste	1 ano e 6 meses
Entrevistado 3	Segurança	Branco	Masculino	Zona Norte	20 anos
Entrevistado 4	Segurança	Branco	Masculino	Baixada Fluminense	9 anos
Entrevistado 5	Segurança	Branco	Masculino	Zona Oeste	3 meses
Entrevistada 6	Serviços Gerais	Negra	Feminino	Zona Norte	4 anos
Entrevistada 7	Serviços Gerais	Branca	Feminino	Niterói	11 anos
Entrevistada 8	Serviços Gerais	Branca	Feminino	Zona Norte	21 anos
Entrevistado 9	Manutenção	Negro	Masculino	Baixada Fluminense	2 anos e 5 meses
Entrevistado 10	Manutenção	Branco	Masculino	Baixada Fluminense	13 anos
Entrevistado 11	Manutenção	Negro	Masculino	Zona Oeste	1 anos e 9 meses
Entrevistado 12	Manutenção	Branco	Masculino	Zona Norte	30 anos
Entrevistada 13	Apoio administrativo	Branca	Feminino	Zona Oeste	5 meses
Entrevistada 14	Apoio administrativo	Negra	Feminino	Zona Norte	3 anos
Entrevistada 15	Apoio administrativo	Branca	Feminino	Zona Oeste	5 meses
Entrevistado 16	Apoio administrativo	Branco	Masculino	Zona Oeste	22 anos

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2023.

No trabalho com as fontes, o historiador é quase sempre marcado pelo encontro com o inesperado. E realizar um projeto de História Oral sem dúvidas amplia essa possibilidade, pois não se trata de encarar vidas que um dia já existiram, como no caso das documentações deixadas pelo passado. Mas sim, de pessoas que estão aqui e agora, sentadas à sua frente, muitas vezes hesitantes se

devem ou não abrir parte de suas vidas, pensamentos e reflexões a pesquisadores desconhecidos. É um desafio para quem é entrevistado e para quem entrevista.

No MAST, esse desafio foi árduo. A hesitação e medo diante do convite para a entrevista foi patente, mesmo entre aqueles que no fim aceitaram participar. O medo de falar errado - no que tange ao uso do português e/ou uma resposta incorreta - foi justificativa recorrente diante de um grupo de pessoas em que boa parte possuía apenas o ensino básico, alguns incompleto. Porém, o medo de perder o emprego como consequência de alguma fala ou participação na pesquisa foi, sem dúvidas, o que mais se destacou. “O diretor vai ver esse vídeo?” “E o pessoal da administração?” “O museu todo vai assistir?” foram perguntas ouvidas com certa frequência durante a realização das entrevistas.

Esse medo era bastante plausível, e já fazia parte de nossas preocupações antes do início da pesquisa. O lugar de vulnerabilidade socioeconômica imposto pela terceirização e o peso das desigualdades de classe foram marcantes no momento do convite, mesmo entre aqueles funcionários que já estavam na instituição há muitos anos, apesar das mudanças de empresas e contratos de terceirização. No processo das transformações econômicas do capitalismo e das novas relações capital-trabalho que emergem dessa reconfiguração, a terceirização é um importante fator da precarização do trabalho no mundo contemporâneo e da manutenção da situação de vulnerabilidade socioeconômica de parcela da população (Lima, 2010).

Nela, o processo produtivo é flexibilizado e focalizado nas atividades fins das empresas em detrimento de outras consideradas auxiliares, que passam a ser realizadas por meio de contratos externos (Lima, 2010, p.18). Logo, os postos de trabalho terceirizados são aqueles considerados menos importantes para o desenvolvimento das atividades principais de uma instituição, e esta percepção recai também sobre os trabalhadores que os ocupam⁵. Esses trabalhadores enfrentam múltiplas formas de precarização que passam por salários menores, maior instabilidade e rotatividade, maiores jornadas de trabalho, maior risco de acidente no trabalho e prejuízos à saúde física e mental (Gimenez; Krein, 2016, p. 55).

No processo da pesquisa essa situação ficou patente também ao sermos surpreendidos com a saída de dois seguranças que aceitaram participar do projeto, mas não continuaram no museu e não puderam ser entrevistados.

Não esperávamos, contudo, que entre as mulheres a resistência seria tão grande. Além do que já foi mencionado, foi possível perceber o peso do gênero em algumas situações. Uma das convidadas, por exemplo, negou sua participação por

não estar com o cabelo feito na semana da gravação; outra disse que só participaria se pudesse estar arrumada no dia. Sem dúvidas que a preocupação com a aparência diante de uma câmera não é algo restrito às mulheres - um dos segurados convidados fez questão de gravar apenas quando estivesse com a barba feita - porém, somente entre elas isso pareceu pesar no momento de negar o convite.

Podemos supor, é claro, outros motivos para a pouca adesão inicial das mulheres à pesquisa. O lugar social de escuta reservado ao gênero feminino pode acarretar maior hesitação no momento de se colocar como protagonista da fala, bem como a exigência social de uma postura discreta e contida. Outros fatores relacionados à personalidade podem ser levantados, mas diante das implicações sociais dos papéis de gênero em nossa sociedade, é válido levantar essas hipóteses. No fim, apenas seis mulheres aceitaram ser entrevistadas, enquanto entre os homens esse número sobe para dez.

Destes 16 entrevistados, apenas um relatou ter o hábito de visitar museus, fossem de ciência ou não. Somente o Museu Nacional⁶ foi citado por cinco entrevistados e, ainda assim, apenas na fase da infância ou adolescência, provavelmente levados pela escola. Vale ressaltar que o Museu Nacional fica a poucas ruas de distância do MAST, ambos no bairro de São Cristóvão, zona norte da cidade do Rio de Janeiro. E todos os funcionários desconheciam a existência do MAST antes deste se tornar seu local de trabalho.

A falta de tempo e distância das instituições – localizadas, sobretudo, na zona central ou zona sul da cidade do Rio de Janeiro – foram principais motivos citados para esse não acesso a museus. Dessa forma, o MAST se torna o principal espaço de contato dessas pessoas com museus e com a ciência. Tal cenário ratifica o que uma sólida literatura demonstra sobre as dificuldades de acesso aos museus de ciência enfrentadas por pessoas em vulnerabilidade socioeconômica (Falcão; Coimbra; Cazelli, 2010; Menezes; Bevilaqua; Silva; 2021). A má distribuição das instituições pelo Brasil, concentradas principalmente nas grandes cidades das regiões Sul e Sudeste, somadas às condições socioeconômicas que impossibilitam ou dificultam o acesso, tornam os museus de ciências pouco presentes na vida de uma grande parte da população brasileira (CGEE, 2019).

Esse cenário também contribui para a questão do público interno, e dá o tom dos desafios enfrentados para a inclusão social nesses espaços. Aqui, entendemos a inclusão social como propõe Moreira (2006), como ações que criem oportunidades de acesso a grupos historicamente excluídos do usufruto de bens de caráter

econômico, político, social e cultural. O acesso à ciência abarca esta preocupação e deve proporcionar condições de entender o seu entorno. Trata-se, portanto, de modificar certas dinâmicas de poder que promovem a exclusão e desigualdade no acesso e circulação do conhecimento científico.

Como dito anteriormente, os trabalhadores terceirizados do MAST estão ali diariamente e por longas horas, mais presentes que os próprios visitantes que permanecem por poucas horas e em dias específicos. Por isso, entendemos esses funcionários como parte do público interno do museu, seguindo a proposta de Figurelli (2013, p.32) que define como público interno todos aqueles que trabalham nas instituições museológicas, mas não possuem formação na área de Museologia.

A partir das entrevistas realizadas, ficou claro como o MAST, enquanto instituição científica, se mantém distante de seus funcionários terceirizados, sem enxergá-los como público-alvo de suas ações de divulgação da ciência. De maneira geral, poucos entrevistados conheciam as atividades e funções desenvolvidas pelo MAST. Porém, o trabalho que desempenham afeta diretamente aquilo que conhecem ou não no museu.

Entre os funcionários que melhor conhecem as atividades e objetivos da instituição estão os de apoio administrativo. Dois dos quatro entrevistados desse setor souberam definir o MAST em suas atribuições de pesquisa, ensino e preservação, nomeando espaços, setores e atividades do museu. Mesmo apresentando uma diferença considerável quanto ao tempo de trabalho na instituição (um com 22 anos e outro com 3 anos), a natureza de suas funções lhes permite ter uma visão mais ampla do funcionamento do museu.

Na conversa com os seguranças, observamos que as atividades externas são as mais conhecidas. As funções que exercem ocorrem em quatro espaços principais: vigilância no campus; vigilância no prédio sede e no centro de visitantes, locais de exposições; recepção na portaria e no prédio anexo Ronaldo Mourão, onde são realizadas as atividades de pesquisa (Figura 1). Assim, a Observação do Céu⁷ e as cúpulas de observação⁸ são mencionadas por 4 dos 5 entrevistados, juntamente às exposições.

Figura 1 - Mapa do campus do Museu de Astronomia e Ciências Afins



Fonte: SECOM/MAST, 2024.

De certa forma, essas atividades demandam um grau de envolvimento um pouco maior se comparado ao estar isolado na portaria ou recepção. Eles precisam circular pelo espaço da exposição, estar próximo e atento ao público, acompanhá-los no caminho às cúpulas, ou seja, participam de forma indireta do que está acontecendo e com isso podem entender um pouco do que está sendo exposto ali.

Na portaria ou na recepção, no entanto, essa possibilidade é menor. O desconhecimento que apresentaram sobre os setores de pesquisa presentes no prédio anexo demonstra isso. Ainda que seja necessário saber o nome desses setores para, por exemplo, entregar as chaves de uma sala, esse é um conhecimento bastante superficial e mediado por uma necessidade pragmática. Apenas 1 dos segurancas, que trabalha há 20 anos no MAST, conseguiu nomear todos os setores de pesquisa.

Certamente, o tempo de trabalho influencia o que se conhece sobre o MAST, e 6 dos 16 entrevistados trabalham há pelo menos 10 anos na instituição.

Não existe uma política institucional para apresentar os objetivos e funções do MAST enquanto um museu de ciência, seja para os novos ou antigos funcionários. Dessa forma, o conhecimento sobre o seu local de trabalho fica restrito à rotina de trabalho e à iniciativa pessoal.

Fica claro também como a Astronomia prevalece no imaginário do trabalho feito no museu, enquanto outras linhas de pesquisa não aparecem nos relatos deles. Saber que existem setores como o de História da Ciência, não significa necessariamente saber o que é feito nele. Isto ficou claro nos relatos de duas funcionárias de serviços gerais que trabalham no prédio anexo. Ambas demonstraram conhecer alguns dos setores de pesquisa e atividades relacionadas, como palestras e cursos.

Contudo, a Astronomia é mais uma vez o destaque de suas falas e a menção a setores como Museologia não implicaram na demonstração de conhecimento sobre o que de fato é feito ali. Mesmo que seu local de trabalho diário seja o prédio anexo, não há aproximação real com as atividades desenvolvidas ali. Limpar e levar café até a História da Ciência, Museologia ou o Arquivo não as torna, de fato, conhecedoras das funções, objetivos e trabalhos desses espaços.

Embora a astronomia dê nome ao museu, as pesquisas realizadas no MAST se concentram nas áreas de História da Ciência, Museologia e Educação em Ciências. Desde sua criação, é parte da missão institucional promover a divulgação científica em Astronomia e Ciências Afins, contudo, não são realizadas pesquisas nessas áreas. Esse conflito de conhecimento sobre o que é feito na instituição é comum quando se trata do público externo, mas sua presença entre os próprios funcionários do museu corrobora a falta de diálogo com a instituição percebida durante a pesquisa.

A exceção é a Coordenação de Educação em Ciências (COEDU) que, embora não tenha todas as suas atribuições conhecidas, é notadamente o setor que apresenta uma profundidade maior no conhecimento apresentado por quase todos os entrevistados. As atividades educativas e de mediação aparecem nas falas, bem como a referência a atuais e antigos servidores que por ali passaram, como Eugênio Reis Neto e Carlos Henrique Zeferino. Estes e outros são mencionados como pessoas que param, conversam e explicam o museu. É nítido como essa aproximação voluntária e individual gerou maior contato entre os entrevistados e o setor, mesmo que parcialmente.

Entrevistado 4: Ah assim, tinha um...um cara que eu admirava muito...pra mim era um cara tão sábio era o Sandro, e o Eugênio. Não sei se tu conheceu o Eugênio. Assim, eu via ele... Dia dos planeta aí, de observação. Eu admirava muito a capacidade dele, a inteligência dele. Então achava uns cara muito sábio. O Sandro eu sou um admirador dele até hoje, não tenho mais contato com ele mas...é legal, é...é bacana, a sabedoria das pessoas em termo de observação do céu. Aí que eu aprendi, pra mim o Sandro é um cientista. O Eugênio é um cientista, porque é um cara sábio, saca...de astronomia. Pra mim é uns caras que eu admiro.

Os entrevistados da manutenção apresentam nuances interessantes. Neste setor, diferentes tipos de trabalho coexistem. Entre os quatro entrevistados estão um marceneiro, um eletricitista, um pedreiro e um restaurador. Cada um possui funções diferentes e atuam em diferentes espaços do museu, o que notadamente afeta o que conhecem ou não das atividades museológicas. O marceneiro é um dos responsáveis pela montagem das exposições e está em constante contato com a Museologia e as linhas de pesquisa que embasam a construção das exposições. Ele soube identificar a conexão que existe entre as pesquisas feitas no museu e as exposições, relacionando a produção do museu com o que se divulga em uma exposição. A existência da pesquisa é mencionada ainda por seu colega pedreiro, que também destaca a presença de estagiários e bolsistas, evidenciando o trabalho de formação acadêmica e profissional existente no MAST.

Por seu trabalho no Laboratório de Conservação de Objetos Metálicos (LAMET), o entrevistado que trabalha como restaurador apresenta noções inerentes ao cotidiano de sua função, como patrimônio, acervo, preservação e restauração. Outras atividades, porém, não são mencionadas. Por sua vez, o entrevistado eletricitista demonstrou a maior distância em relação às atividades do museu. Sua fala ressalta o afastamento da instituição e o exercício de uma função mais isolada, que não lhe permite ter os mesmos contatos de seus colegas:

Pesquisador(a): Você ficou mais interessado em conhecer museus depois de começar a trabalhar no MAST?

Entrevistado 11: Não, porque é o que eu te falei, se não te é apresentado uma proposta não tem como você aguçar a sua curiosidade. Por si próprio você busca, ainda mais hoje em dia que você tem uma ideia da modernidade que vivemos, porém aqui é uma coisa totalmente na contramão disso, é oposto. Porém ela aguça quando você se identifica e te falam nas entrelinhas o que é aquilo, aí você procura pesquisar um pouco mais. Mas, fora isso não há um interesse devido a correria do trabalho e também por questão de não ser aberto, porque se você não

pode adentrar uma sala você fica limitado a explorar aquele ambiente, só por esse motivo.

Para ele, o museu não se apresentou como um espaço aberto a ser explorado e conhecido, o que acabou por não aguçar sua curiosidade sobre os assuntos tratados no MAST ou para conhecer outros museus. É comum se pensar que trabalhar em um museu algo diferente diante dos postos de trabalho mais disseminados - gere um interesse espontâneo nas pessoas que ali estão, mas ficou claro nesta e em outras falas que essa relação não é automática.

Sua fala se aproxima do que diz uma de nossas entrevistadas que atua na limpeza do centro de visitantes, local que possui uma exposição:

Entrevistada 6: Ah eu sei que tem essas exposições aí que eu nunca nem tinha conhecimento. Vejo pessoas que realmente chegam aqui e ficam deslumbradas. Olhando, e para pra ler essas coisas. Nem eu nunca nem parei pra ler tudo isso aí. Mas tem pessoas que gostam, chega aqui e fica assim, nossa. [...]

Pesquisador(a): E você acha que se o museu tivesse, por exemplo, quando te colocaram para trabalhar aqui na exposição. Se alguém tivesse vindo e te explicado sobre o que que ela é, enfim, feita uma visita guiada com você aqui, por exemplo. Você acha que teria despertado seu interesse?

Entrevistada 6: Pode ser. Pode ser que sim. Porque a gente fica curiosa, né? E eu sou curiosa, eu gosto. Eu acho que sim. Mas ninguém veio assim. Ninguém nunca explicou essas coisas. Tipo assim, porque diz que tem o pessoal que explica pra essas crianças que vem aqui. Com a gente mesmo aqui nunca foi feito isso. Ó, vocês querem fazer tipo uma turnê aqui dentro pra gente poder explicar pra vocês do que se trata? pra ver se vocês se interessam, pra ver se vocês gostam? Ou se identifica com alguma coisa daqui, não sei, coisas assim, nunca foi feito, pelo menos pra mim não. Aí a gente também por não ter tempo, a nossa correria aqui é se preocupar com a limpeza, entendeu? Aí a gente deixa o restante de lado. Se preocupa em limpar e manter o ambiente limpo pra vocês poderem trabalhar.

Mesmo em contato diário com a exposição, a falta de orientação e apresentação sobre o assunto que ela aborda, faz com que a funcionária esteja alheia ao que está ali exposto. A partir dos depoimentos, fica evidente que se depender apenas do interesse e iniciativa individual, o MAST perde parte considerável de um público central na promoção da democratização do conhecimento científico. Certamente o interesse por assuntos de ciência não deve ser imposto ou obrigatório, contudo, sem apresentá-los de maneira adequada, não é possível que essas pessoas os considerem interessantes ou não. Sem a oportunidade

de conhecer os debates científicos, não há nem mesmo como recusá-los como objeto de desinteresse.

Essa perspectiva é corroborada pelo relato da mesma funcionária após a realização de uma atividade voltada especificamente para todos os funcionários terceirizados do MAST. Após finalizarmos a análise das nossas entrevistas e verificarmos o pouco conhecimento das atividades do museu por parte de seus funcionários terceirizados, decidimos realizar algumas iniciativas para tentar melhorar este cenário. A primeira delas, foi realizada no dia 17 de julho de 2023, em parceria com todas as coordenações e direção do MAST. Realizamos uma roda de conversa e uma visita guiada à recém-inaugurada exposição “200 anos de Ciência e Tecnologia no Brasil: um olhar a partir dos artefatos”. Entendemos que a realização da visita antes da inauguração oficial para o público externo fortaleceria a perspectiva de público interno a eles aplicada, afinal muitos participaram de sua montagem e participação de sua manutenção e segurança no período em que a exposição estiver vigente. Neste mesmo dia, foram reunidos os coordenadores de cada setor do museu para que realizassem uma breve apresentação dos objetivos e papéis de sua área aos funcionários, além de escutar os participantes das entrevistas, agradecer-los publicamente por sua participação e ressaltar a importância de todos para a instituição (Figura 2).

Em seguida, o diretor e um dos coordenadores desta pesquisa, Marcio Rangel, fez a mediação da exposição e logo após todos foram convidados para um lanche compartilhado (Figuras 3 e 4).

Após a visita, uma das entrevistadas relatou com entusiasmo ter ficado bastante animada com a exposição, especialmente com os instrumentos científicos que estavam expostos. Segundo seu depoimento, objetos antigos lhe despertavam muita curiosidade e atenção, e a visita à exposição lhe permitiu explorar melhor esse interesse. Neste caso, observamos que o desinteresse que aparece como hipótese para nunca ter olhado a exposição na qual trabalha é confrontado com uma atitude da instituição que a permitiu rever essa posição, apresentando-lhe outro tema que lhe cativou.

Figura 2 - A Coordenadora de Administração, Carla Paes, apresenta sua área para os terceirizados.



Fonte: SECOM/MAST, 2023.

Figura 3 - O diretor do MAST mediando a exposição 200 anos de Ciência e Tecnologia no Brasil



Fonte: SECOM/MAST, 2023.

Figura 4 - Terceirizados, bolsistas e servidores na fachada principal do MAST no dia da mediação da exposição



Fonte: SECOM/MAST, 2023.

Para além do afastamento das atividades da instituição, essa ação foi motivada sobretudo pela percepção suscitada nas entrevistas do museu como um espaço de reprodução de exclusão. Algumas falas deixaram entrever uma ideia de que museus não são parte do cotidiano de pessoas que ocupam suas funções, e de que existe no MAST uma hierarquia que reflete e perpetua a desigualdade social.

Entrevistado 5: Olha, eu já frequentei museu, mas há muito tempo atrás. Já fui em museu mas pra ser sincero nem me recordava mais de museu. Não faz parte de uma realidade nossa, principalmente de vigilante. Não tem muito a ver.

Entrevistado 9: Então, é interessante isso daí. [...] Eu posso dizer que eu sou meio que excluído da cultura, né? [risos] [...] Eu me lembro que eu fui a alguns museus assim, museus. Relacionar quais não me lembro, mas aquela coisa de Pão de Açúcar, Maracanã, né? Sim, aqueles passeios da escola. Então, mas museu, museu assim, eu fui vim depois de uma certa idade aí, como a gente diz, depois de velho, né?

Entrevistada 6: Não, eu nunca nem tinha ido...na verdade eu acho que só ouvia falar de museu pela televisão mesmo, porque frequentar mesmo nunca frequentei. [...] Ah eu acredito que seja, sei lá, por falta de interesse mesmo, entendeu? A nossa rotina, pelo menos tô falando a minha, no caso, não é muito conhecer esse tipo de coisa, não é.

Entrevistado 11: Não, sim, ele é bem importante porque você acaba... sendo visto, né? Porque você é lembrado. Por mais que a gente tá numa função, vamos dizer assim, manutenção. Nós temos o nosso lado ali, temos a parte da diretoria, é um grande abismo entre a gente, só quando há necessidade.

Essas falas parecem refletir sobre como se enxergam nesse espaço, ocupando apenas um lugar de trabalhador/a. É claro que, em um primeiro momento, é esta função que exercem. Contudo, o museu é um espaço público, gratuito e feito para todos. Isto não parece estar colocado para os entrevistados, que não se enxergam como parte do público, mesmo fora do horário de serviço. Vale destacar a fala de um dos entrevistados, que atua como eletricista, ao dizer que seria importante uma apresentação por parte do museu de suas atividades e funções:

Pesquisador(a): Você tinha mencionado também quando a gente tava conversando que você não sabia, por exemplo, que na biblioteca você pode pegar um livro emprestado.

Entrevistado 11: É.

Pesquisador(a): E levar pra casa ou ficar lá lendo. Então você sente falta dessa...como você falou, né? Não é aberto. Você sente falta do museu se colocar pra você? Dizer ó, você pode acessar esses e esses espaços, você pode fazer isso ou aquilo.

Entrevistado 11: Não, sim, ele é bem importante porque você acaba... sendo visto, né? Porque você é lembrado. Por mais que a gente tá numa função, vamos dizer assim, manutenção. Nós temos o nosso lado ali, temos a parte da diretoria, é um grande abismo entre a gente, só quando há necessidade. Essa necessidade ela é... boa que ela aconteça pra que a gente possa ter conhecimento da onde a gente tá trabalhando. Porque só você chegar aqui cedo, sai, vai embora e não tem nem como dizer você trabalha aonde, o que que você faz? Então é importante conhecer onde nós estamos, eu penso assim.

Ser visto e lembrado são as sensações que descreve ao pensar em uma ação institucional hipotética voltada para os funcionários terceirizados. Logo, não se sente visto ou lembrado em seu cotidiano na instituição. Essas palavras expressam bem a situação que caracteriza a presença desses funcionários no museu: a inserção em seu espaço físico não impede a exclusão enquanto público e participantes das atividades museais, o que torna esses funcionários invisíveis às políticas de inclusão, que tem por foco principal o público externo aos museus.

Cabral (2017, p. 124) define os funcionários terceirizados como parte de um público invisível nos museus. Contudo, entendemos que essa invisibilidade não é natural, e sim produzida socialmente. Logo, estes trabalhadores são alvos de um processo que os torna invisibilizados. Fernando Braga Costa (2008) descreve esse processo como invisibilidade pública, no qual há o “desaparecimento de um homem no meio de outros homens” (Costa, 2008, p.6). Assim, a invisibilidade pública é um fenômeno psicossocial que possui suas raízes nas relações de classe, raça e gênero

que estruturam a sociedade brasileira e promovem a invisibilização de certos grupos sociais.

Trata-se, portanto, do processo ativo de certos grupos dominantes em tornar alguém invisível. Afinal, ninguém de fato é invisível; são as estruturas sociais que se revitalizam no cotidiano que contribuem para a fundação e manutenção desses lugares de invisibilização autoritária. No mundo do trabalho, isto pode ser visto sobretudo no tratamento dado às pessoas que ocupam categorias ligadas à ideia de trabalho não qualificado, como limpeza, manutenção e segurança.

Sabemos que o “grande abismo” não será ultrapassado apenas com a inclusão nas práticas de divulgação científica do MAST. Porém, este é sem dúvidas um passo importante e necessário para a visibilização dessas pessoas para além da sua dimensão trabalhista, enxergando-as enquanto pessoas que frequentam e circulam os espaços do museu como cidadãos cujo direito de acesso à ciência não pode ser negado.

Diante disso, conseguimos perceber como a posição desses trabalhadores dentro do MAST se encaixa no que Patrícia Hill Collins denominou como *outsider within* ou, em tradução livre, “forasteiro de dentro” (Collins, 2016). Tratando da realidade das mulheres negras estadunidenses no campo da sociologia, a autora apresenta o confronto vivido por essas mulheres ao ocuparem uma posição social de estar dentro e fora de certos espaços ao mesmo tempo:

Por muito tempo mulheres afro-americanas participaram dos segredos mais íntimos da sociedade branca. [...] também cuidavam de suas “outras crianças”, ofereciam importantes conselhos aos seus empregadores e, frequentemente, tornavam-se membros honorários de suas “famílias” brancas. Essas mulheres viram as elites brancas, tanto as de fato como as aspirantes, a partir de perspectivas que não eram evidentes a seus esposos negros ou aos grupos dominantes. Por um lado, essa relação de *insider* tem sido satisfatória para todos os envolvidos. [...] No entanto, por outro lado, essas mesmas mulheres negras sabiam que elas jamais pertenceriam a suas “famílias” brancas. Apesar de seu envolvimento, permaneciam como *outsiders*. (Collins, 2016, p.99-100)

Por mais paradoxal que possa parecer, essa condição de ser um estrangeiro dentro do seu meio se dá pelas mesmas dinâmicas sociais de exclusão e desigualdade que engendram o processo de invisibilidade pública. Collins explica como sociólogas negras ocupam posições marginais em ambientes acadêmicos por não compartilharem do mesmo *ethos* sociológico de seus pares, que é branco e masculino (Collins, 2016, p. 99-100).

O pertencimento pleno ao grupo como *insiders* é definido pelo compartilhamento de certas experiências, visões de mundo, padrões de vida, de classe social, raça e gênero. Logo, os *insiders* são aqueles que “passaram por experiências similares, dividem uma história em comum e compartilham conhecimentos tomados como certos e que caracterizam o ‘pensar como de costume’” (Collins, 2016, p.116).

Essa condição de pertencer sem pertencimento, marcada sobretudo pelo racismo no caso de mulheres negras, pode ser enxergada também com os trabalhadores do MAST. A posição que a terceirização os coloca no museu os insere de maneira que permanecem nesse lugar de margem, pois ao passo que são *insiders* por estarem inseridos fisicamente nas dinâmicas ali existentes e em seu espaço físico, são ao mesmo tempo *outsiders* devido à sua invisibilização enquanto público e participantes das atividades museais.

É válido ressaltar que aqui estamos falando de um grupo de entrevistados composto por homens e mulheres brancos e negros, que compartilham o pertencimento às classes de baixa renda. Com o grupo de *insiders* plenos, que seriam sobretudo os servidores, podem compartilhar certos *backgrounds* de gênero ou raça, mas a disparidade causada pela desigualdade econômica não permite que acessem a mesma educação, treinamento profissional ou padrões de classe social apontados pela autora, por exemplo. Todavia, a condição de classe ser o denominador comum entre esses trabalhadores não implica na ausência de impacto causado pelas diferenças raciais e de gênero dentro deste grupo⁹.

Desse modo, é neste lugar de *outsider within* que visualizamos a potencialidade e as possibilidades do diálogo entre o MAST, como um espaço de produção científica, e seus funcionários terceirizados, a fim de promover a democratização dos saberes científicos no âmbito da instituição.

Os “forasteiros de dentro”: a margem como construção de saberes

Dizer que o MAST está afastado dos terceirizados não significa que eles deixaram de elaborar suas próprias ideias sobre o que veem no cotidiano de seu trabalho, sejam elas mais ou menos alinhadas ao que é produzido na instituição. Em suas falas, observamos a inclusão de termos como lunetas, observação, astros, Saturno, Netuno, cúpulas, planetário, Lua gigante, todas utilizadas corretamente. E termos como restauração, acervo, memória, pesquisa, conservação, acervos

museológicos, reserva técnica, patrimônio e preservação ligado à Museologia. Ou seja, em sua vivência, aspectos da prática do MAST foram sendo incorporados ao seu vocabulário.

Patricia Hill Collins aponta como a marginalidade surge também como um espaço de criatividade e produção, sem se limitar à ausência ou negação (2016, p.100-101). O lugar de *outsider within* proporciona um ponto de vista particular que pode agregar ou revelar aspectos que não são vistos por outras pessoas. Assim, estar à margem não determina uma condição de passividade ou alienação, mas possibilita a criação de outras perspectivas sobre o museu e o que ele produz.

Elaborações sofisticadas e coerentes sobre museus, apresentadas durante as entrevistas, nos permitiram refletir sobre o olhar dessas pessoas para a instituição e, sobretudo, como o museu pode dialogar com esses saberes na construção de suas atividades:

Entrevistada 14: [...] Pra mim o que eu entendo sobre museu é que é um local só de memórias, mas também eu não me aprofundei muito mesmo trabalhando aqui dentro, pela nossa rotina ser muito intensa e a gente fica muito nessa parte administrativa, não tem muito a ver com com o público em si [...]

Entrevistado 5: Ah, mudou porque... a gente faz uma ideia de museu, né? Sempre de coisas passadas, coisas antigas e assim, o meu conceito sobre isso mudou porque eu tô percebendo um museu muito atual. Ao contrário do que muita gente pensa, ah vai a museu, mas se conhecesse, entendesse como é, ia ver que faz muito parte da nossa... tá muito próximo da gente. Não tem nada a ver com o passado apenas. Tá muito atual. Então, assim, meu conceito sobre o museu depois de tá aqui esse tempo mudou bastante, viu?

Entrevistado 1: Não, sim, mudou, mudou sim. Mudou sim que...por observar a gente aprende muita coisa, entendeu? Porque museu, assim, é coisa do passado que a gente vive agora no presente. Então tem bastante coisa que eu aprendi.

Isto não exclui a necessidade de torná-los parte da política de divulgação da ciência do museu, mas isto se dará quando for possível incluir os saberes dessas pessoas nas ações do museu. A importância desse diálogo fica latente quando observamos as percepções que possuem sobre a ciência e o cientista.

Todos os entrevistados foram enfáticos em ressaltar a importância da prática científica, mas a visão que apresentam é bastante restrita ao campo das ciências biológicas e da tecnologia. As percepções sobre a ciência aparecem ligadas ao contexto da pandemia, como a produção de vacinas, e a uma visão de uso mais

técnico, de desenvolvimento, progresso e auxílio para a sociedade. É recorrente a visão de uma ciência linear e progressiva, responsável pelo progresso tecnológico e de qualidade de vida.

A ausência das Ciências Humanas e uma visão de ciência sem sua historicidade, deixa entrever um lado desse afastamento do MAST bastante caro ao setor da História da Ciência, no qual esta pesquisa foi desenvolvida. Além deste setor ser desconhecido pelos entrevistados, fica claro como a sua produção não chega a eles.

Por outro lado, há canais de comunicação para essa aproximação. Ao se intitular “excluído da cultura” por não frequentar museus e espaços de ciência, um dos entrevistados, que atua como restaurador no Laboratório de Conservação e Objetos Metálicos, associa ciência e cultura, demonstrando afinidade com as discussões sobre o caráter social e cultural da ciência levantadas por historiadores da ciência:

Entrevistado 9: [...] Tô assim, tô aprendendo certas coisas, tô começando a entender...ver o que que é patrimônio, o que que é cultura, como eu acabei de te dizer, pô sou meio que excluído da cultura. Assim, cultura pra mim é... que que é cultura eu não saberia te dizer mais ou menos o que que seria. Mas assim, agora, não com aquela ah como eu sei mas eu tô aprendendo, eu tenho outra visão das coisas agora.

Quanto aos cientistas, há uma clara humanização dessas pessoas e a ruptura com certos estereótipos comumente disseminados, como do cientista de laboratório e o “cientista maluco”:

Entrevistado 1: Muito tempo atrás, uns vinte, trinta anos atrás, a gente via o cientista um cara meio...sei lá, com jaleco. Hoje em dia não. Hoje em dia você vê um cientista de rastafari, hoje em dia tá tudo modernizado, entendeu? Hoje em dia você vê um cientista de tênis all star e tal [...] com uma calça jeans, entendeu? O cara é cientista.

Entrevistado 5: É eu...até um tempo atrás eu fazia imagem de um cientista de um homem com cabelo alto pra cima, com óculos fundo de garrafa. Falando um monte de coisas erradas e hoje eu tenho uma visão totalmente diferente. [...] Como eu disse, eu achava que um cientista era assim dessa forma e não é. É totalmente diferente, né? As pessoas assim como eu, tem muitas pessoas assim ainda com esse pensamento. E aí quando você vem pra cá você vê que não tem nada a ver, são pessoas comuns como eu e você [...].

Entrevistada 14: Você falando imediatamente apareceu a foto na minha memória do Albert Einstein, então assim não tem nada a ver com o pessoal daqui. [...] É muito diferente. Ele tem uma

fisionomia, um jeito de ser meio doido, né? Porque dizem que cientistas são loucos, sei lá. Mas assim, eu acho que não tem nada a ver com o pessoal daqui não.

Entrevistada 15: Então porque eu...posso ser assim, muito sincera? É porque cientista pra mim a gente pensa logo naquelas pessoas meio...né? Doidas assim, meio exóticas então [risos] então é um pouco diferente das pessoas daqui.

Entrevistado 16: [...] A gente vê que eles além de serem seres humanos igual a gente, que a gente acha que não, que eles não tem vida, que só estudam. Na cabeça da gente se passa isso mesmo. Mas quando a gente vê aqui que eles são pais, mães, pessoas comuns como nós e a gente se sente mais à vontade de chegar mais próximo. A gente acha que eles são uma pessoa totalmente separada da nossa vida, do nosso meio, mas não, eles têm as mesmas coisas, os mesmos sentimentos, os mesmos pensamentos, as mesmas críticas, às vezes sabe até bem menos que nós em alguns assuntos e eu acho que isso foi, na minha vinda pra cá, foi legal de conhecer isso [...].

Contudo, o trabalho científico aparece revestido de um caráter de inspiração divina ou dom, no qual o estudo é ressaltado como principal fator responsável por essa diferenciação social:

Entrevistado 1: Ciência eu sempre vi assim como uma coisa que pra pessoa ser um cientista a pessoa tem que ver mesmo a direção de Deus, né? Porque você tá com algum problema na pele, aí você cria um remédio pra poder cuidar daquilo ali. Então sempre admirei bastante uma pessoa que é cientista. E hoje que eu trabalho no museu admiro mais ainda. Porque a gente vê como é difícil essa profissão, entendeu? De ser um cientista, de você tá ali, sempre tá estudando. Nunca você pode, por exemplo, você fez uma prova pra sargento do quartel pra alguma coisa, você se acomoda ali. Cientista não, tá ali sempre em evolução, sempre tá estudando. [...]

Entrevistada 8: Mas agora eu acho que o cientista ele é uma pessoa normal igual a gente. É o que eu penso agora. É uma pessoa normal igual a gente. Só que ele estudou mais, estudou muito pra tá nesse patamar que ele tá, que ele chegou agora, de cientista. Aí tem essas coisas que ele estudou muito pra chegar até aqui.

Entrevistado 3: Hoje em dia você trabalhando no meio, conhecendo as pessoas, quem são os cientistas que nós temos aqui no museu, digamos assim, a gente entende que são pessoas que se dedicam a tá melhorando as coisas pra gente, porque ciência de certa forma é isso, né? Melhorando muitas coisas, passando conhecimento, pros jovens, pra quem tem interesse. [...] Eu aconselho muito meus filhos, de ter interesse de tá estudando sempre, porque estudar é sempre a coisa que vai levar eles em algum lugar. E a pesquisa tá sempre dentro disso, dando conhecimento, dando informação, trazendo novidades, enfim.

Nota-se que há a percepção da ciência em seu aspecto dinâmico e de bem social, responsável por tratar de questões da vida cotidiana e do bem-estar social. Contudo, o acesso à educação formal é apontado como uma clara distinção social no processo de se tornar um cientista, demonstrando como a ideia de uma ciência praticada por poucos - os gênios - e para poucos, ainda tem força, mesmo em um ambiente dedicado a combatê-la.

Considerações Finais

Podemos apontar para as ações de divulgação da ciência como parte da promoção de uma cultura institucional menos excludente e não fortalecedora da invisibilização característica da terceirização. O lugar de *outsider within* é, por definição, ambíguo, pois revela o caráter de invisibilidade a que são submetidos os trabalhadores terceirizados, ao passo que se torna também um lugar de comunicação com o museu, desde onde produzem ideias, conceitos e visões a partir daquilo que conseguem captar, seja por sua curiosidade, trocas com os visitantes ou servidores.

O esforço do museu de buscar torná-los seu público-alvo deve partir do reconhecimento dessas pessoas enquanto *outsiders within* e de como explorar suas potencialidades. Não podemos esquecer que a condição de trabalhadores terceirizados limita o alcance do pertencimento pleno como *insiders*, visto suas condições de trabalho precarizadas. Contudo, ser *insider* não é a única maneira de viver o que o museu pode proporcionar enquanto espaço de produção de conhecimento, e isto fica claro nas falas dos entrevistados.

Este estudo terá continuidade em outros museus de ciência e gerou uma parceria com o Planetário da Universidade Estadual do Pará e no Observatório do Valongo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde estão sendo realizadas pesquisas similares com os seus trabalhadores terceirizados. A pesquisa constatou uma contradição de centros de divulgação de ciência que afirmam o desejo de comunicar a ciência para a sociedade brasileira, mas não **enxergam/não consideram em suas iniciativas** as pessoas que lá trabalham todo o dia. Esta discrepância é reflexo da elitização da nossa comunidade científica, produto de relações sociais e econômicas assimétricas. O mérito desta pesquisa é sublinhar esta contradição e incorporar estes problemas para uma melhor prática de divulgação e produção de uma real ciência cidadã.

Atualmente observamos que outros setores do MAST estão mais sensíveis à

inclusão dos terceirizados nas atividades de divulgação da ciência. Além disso, estes trabalhadores conhecem melhor a instituição e veem participando mais dos eventos organizados pelos servidores. O cenário ainda não é o ideal, mas há sutis avanços no caminho da integração entre os trabalhadores dos diversos setores.

Referências:

CABRAL, Magaly. Públicos invisíveis. In: *Anais do 1 Encontro Nacional da Rede de Educadores em Museus e Centros Culturais do Estado do Rio de Janeiro* — Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2010.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS - CGEE. *Percepção pública da C&T no Brasil – 2019*. Resumo executivo. Brasília, DF: 2019. 24p.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>

COSTA, Fernando Braga. *Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garís*. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas. Tese (Psicologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, 403 p.

DUTRA, Renata Queiroz; COELHO, Ilana Barros. “Eles pensam que a gente é invisível”: gênero, trabalho terceirizado e educação jurídica popular. *Rev. Direito Práx.*, Rio de Janeiro, v. 11 n. 4, p.2359-2385, 2020.

FALCÃO, D.; COIMBRA, C. A.; CAZELLI, S. Museus de ciência e tecnologia e inclusão social. In: GRANATO, M.; SANTOS, C. P.; LOUREIRO, M. L. N. M. (Org.). *MAST Colloquia: o caráter político dos museus*. Rio de Janeiro: MAST, 2010. p. 89–114. Disponível em: http://site.mast.br/hotsite_mast_colloquia/pdf/mast_colloquia_12_2.pdf. Acesso em: 10 jul. 2021

FIGURELLI, Gabriela Ramos. O público interno dos museus: reflexões sobre os funcionários de museus enquanto público-alvo das ações educativas museológicas. *Cadernos de Sociomuseologia*, vol. 46, n. 2, p. 29-46, 2013.

GIMENEZ, Denis Maracci; KREIN, José Dari. Terceirização e o desorganizado mercado de trabalho brasileiro. In: TEIXEIRA, Marilane Oliveira; RODRIGUES, Hélio; COELHO, Elaine d'Ávila (orgs.). *Precarização e terceirização: faces da mesma realidade*. São Paulo: Sindicato dos Químicos-SP, 2016. p.17-32.

IRBER, Beatriz Gabriele De Castro Silva. *Trabalhadoras terceirizadas de limpeza e conservação da UNB: Relatos de violências, invisibilidade e precarização*. Monografia (Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016, 74p.

LYKAWKA, Liliane. *O trabalho terceirizado: reconhecimento, valorização e satisfação*. Monografia (Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013, 45p.

LIMA, Jacob Carlos. A terceirização e os trabalhadores: revisitando algumas questões.

Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, vol. 13, n. 1, pp. 17-26, 2010.

MENEZES, D. T. S. M.; BEVILAQUA, D. V.; SILVA, D. F. Travelling science centers and museums: paths to citizenship and engagement under the eye of professionals.

ACTIO, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 1-27, may/aug. 2021. Disponível em:

<https://periodicos.utfpr.edu.br/actio> . Acesso em: 20/11/2021

MOREIRA, Ildeu de Castro. A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil. *Inclusão Social*, Brasília, v. 1, n. 2, p. 11-16, abr./set. 2006.

RANGEL, Aparecida. TOD@S SÃO TOD@S? *Revista Docência e Ciberultura*, v. 3,

n. 2, mai-ago, p. 350-355, 2019.

Artigo recebido em 04/06/2024

Aceito para publicação em 06/11/2024

Editor(a) responsável: Rhaira Silva

¹ A experiência na Fundação Casa Rui Barbosa consistiu em aplicar um questionário perfil/opinião para identificar o que o setor terceirizado (limpeza, segurança e recepção) entendia da finalidade da instituição em que trabalhava. A partir disso, foi produzido um vídeo com as entrevistas gravadas, no qual fica claro o distanciamento desses funcionários com a missão do museu, patrimônio e história. Ficou patente também como aqueles trabalhadores são “invisíveis” para o restante da Casa Rui Barbosa e que até então não havia esforço para incluí-los como público das atividades do museu. Ver mais em: RANGEL, Aparecida. TOD@S SÃO TOD@S? *Revista Docência e Ciberultura*, v. 3, n. 2, mai-ago, p. 350-355, 2019.

² Fundado no ano de 2001 no Departamento de História na Universidade de São Paulo, o Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO) tem como principal objetivo exercitar a história do tempo presente, produzindo práticas de História Oral conectadas com as distintas formas de produção de saberes que se façam a partir do sentido social, prático, de experiências identificadas no presente. Tendo a História Pública como premissa, propõe a crítica e ampliação do escopo da História acadêmica a partir do diálogo com espaços de produção não acadêmica, aproximando a teoria/prática historiográfica aos grupos sociais. Foi espaço de fundação da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) e da *Oralidade* - Revista de História Oral. Cf. NEHO - Nucleo de Estudos em História Oral | DIVERSITAS.

Agradecemos a indicação desta metodologia feita pela pesquisadora Maria Gabriela Bernardino, bolsista do Programa de Capacitação Institucional PCI/CNPQ no Museu de Astronomia e Ciências Afins.

³ A baixa adesão dos funcionários pode ser explicada, entre outros motivos, por um problema administrativo que estava gerando atraso no pagamento dos salários no momento inicial da pesquisa.

⁴ Disponível em: <http://www.mast.br/publico-interno/>

⁵ Jacob Carlos Lima aponta para estudos que demonstram o tratamento diferenciado e a estigmatização provocados pela terceirização no ambiente de trabalho, que vão desde condições degradantes de trabalho a refeitórios e roupas que marcam a diferença entre os terceirizados e não-terceirizados (2010,p.23). Outras pesquisas também apontam os níveis de insatisfação, falta de

reconhecimento e integração que essas pessoas sentem em seus locais de trabalho (Cf. Dutra; Coelho, 2020; Lykawka, 2013; Irber, 2016).

⁶ O Museu Nacional é um museu de ciência criado em 1892 e atualmente vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro. É uma das instituições científicas mais antigas do Brasil, tendo sob sua guarda um imenso acervo de história natural e antropologia. Após o incêndio ocorrido em 2018, o museu encontra-se hoje temporariamente fechado para restauração.

⁷ O Programa de Observação do Céu acontece aos sábados e é conduzido por astrônomos e mediadores do Museu. Com o auxílio de lunetas e telescópios, é possível observar os astros, tal como faziam os antigos astrônomos do Observatório Nacional (ON), no século passado. Ver mais em: <http://www.mast.br/museu/programa-de-observacao-do-ceu/>

⁸ Local onde é realizada a Observação do Céu.

⁹ É nosso objetivo futuramente coletar mais dados que possam oferecer uma reflexão mais profunda acerca das especificidades de gênero e raça que ainda não foram analisadas em detalhes nesta pesquisa.